

Políticas de combate a opressão – Antônio Alves (Toninho)

Mulheres

Ao longo das últimas décadas a luta feminista vem crescendo, buscando maior respeito e igualdade de direitos. Com a mudança do perfil da sociedade, onde as mulheres passam a serem “chefes de família” e muitas vezes ser o único sustento da mesma, acaba saindo, cada vez mais cedo, para o mercado de trabalho. Embora hoje já ocupem maior espaço nas funções em empresas e outros setores, ainda continuam sofrendo discriminações. Inúmeros são os relatos de desigualdade e desrespeito, principalmente no local de trabalho onde as mulheres são desvalorizadas, vítimas de assédio moral e sexual têm salários incompatíveis com funções e qualificação em comparação com os homens, sofrem desgaste físico e mental excessivo, entre muitos outros problemas que sofrem, dentro e fora do mercado de trabalho, simplesmente por ser mulher. Temos consciência de que a questão da discriminação sobre a mulher é uma prática do sistema vigente, pois mesmo com a chegada de diversas mulheres ao poder como Dilma, Cristina Kischiner a política de opressão continua a mesma. Dentro da universidade essa realidade não é diferente. Hoje na universidade o corpo de servidores que é constituído quase em sua maioria por mulheres, que se concentram em grande número na área de saúde onde a pressão é muito maior devido às condições de trabalho. Também encontramos um grande número nos serviços terceirizados e com um perfil bem definido: baixa escolaridade, negras, acima de 30 anos e com filhos. Este perfil facilita que as empresas que as contrata pressione ainda ao trabalho quase que semiescravo. Quem não se lembra do episódio da lavagem das bandejas no restaurante II. No último Congresso foi deliberado constituição do Departamento de Mulheres do STU. Com o intuito de discutir com as companheiras trabalhadoras as diversas dificuldades de gênero que sofremos diariamente e pensarmos juntas ações e soluções para esses problemas. O Departamento discute temas, propõe ações e submete-se às deliberações da direção do sindicato, porém, também essa construção não fugiu ao preconceito e a discriminação que as mulheres sofrem. Apesar da disposição de muitas companheiras (da direção e da base) nossas ações sofreram constante boicote e foram deixadas de lado sempre que gritava qualquer que fosse outra pauta. “Sem contar o desrespeito de parte da própria diretoria atual (incluindo algumas mulheres) que não acreditou, não colaborou com as atividades, tentou medir força como departamento, deixando-o muitas vezes engessado. Mesmo com estas dificuldades o Departamento esteve presente em alguns debates importantes e manteve a atuação viva através de materiais produzidos. Acreditamos que é necessário defender a existência deste setor dentro da diretoria do STU devido a nova realidade da universidade frente à mulher trabalhadora. Defendemos:

- uma pesquisa do sindicato para saber o perfil das trabalhadoras da Unicamp;
- maior atuação no sistema educativo da Unicamp;
- realizar um encontro das mulheres para o ano de 2014;
- criar uma política ativa e permanente, com linguagem própria, para mulher trabalhadora adolescente (patrulheiras e estagiário);
- criar uma política específica para trabalhadoras aposentadas;

- produzir uma política permanente contra o assédio moral e sexual;
- participar do Fórum de debate sobre a questão de gênero;
- participar e apoiar as manifestações como a macha das vadias;

Raça

Com o sistema sócio econômico vigente, o mundo vive um período tão ou mais contraditório quanto ao período colonial. Os desenvolvimentos capitalistas acompanharam as contradições entre o avanço tecnológico e o retrocesso do desenvolvimento dos povos. A crise reflete e menos recursos aos países da África Negra que ainda vive períodos de guerras internas ou o trauma do pós guerra. Além de sofrer com doenças endêmicas como sarampo, malária e diarreia. Os números de portadores de HIV ainda são alarmantes. Enquanto isto, os países desenvolvidos utilizam seus recursos com desenvolvimento tecnológico, fabricação de armamentos bélicos e socorro aos banqueiros. Para eles, pouco importa o povo africano vier a desaparecer. No último período assistimos a maior jogada de marketing na política, a tentativa de mostrar para o mundo que a maior potência do mundo existe democracia racial elegeram um negro para presidência. Criou-se a expectativa que com a vitória de Obama ocorreria avanços nas políticas sociais daquele país e ao redor do mundo. Fato este que não aconteceu, pois o presidente norte americano faz parte de um partido que tem sua política definida para este segmento da população. No Brasil apesar de avanços nas reivindicações históricas dos movimentos negros, existe um fator militante na sociedade. Bandeiras como cotas nas universidades e no mercado de trabalho, igualdade no salário e nas ocupações nos postos de trabalho ainda é uma realidade distante. A juventude Negra sofre com genocídio da PM nas periferias, e está sujeita às drogas por falta de cultura e lazer, a saúde da população é ignorada, as cotas nas universidades são paliativas. Estes problemas precisam ser superados para que possamos ter uma sociedade mais justa e igualitária. O racismo e preconceito ainda império no Brasil democrático, mas com resquício do coronelismo. Na Unicamp, por exemplo, não temos negros ocupando setores importantes como direção de unidades, pró-reitorias, nem o cargo de reitor, mas encontraremos uma grande gama de trabalhadores ocupando as funções menos prestigiadas ou em trabalhos braçais. É fato, que esta nova gestão colocou uma trabalhadora negra em um dos setores de maior importância da universidade, mas é preciso avançar ainda mais, afinal o percentual de trabalhadores negros (as) chega a 50% ou mais na universidade. Por este motivo defendemos uma política para setor de trabalhadores, por ser excluído muitas vezes da oportunidade de crescimento na carreira por um racismo existente, porém velado. Para vencer estas dificuldades defendemos:

- Realizar o I Encontro dos trabalhadores negros na universidade;
- Realizar o senso, que aponte onde estão estes trabalhadores e quais cargos ocupam;
- Retomar o trabalho do Núcleo de Negros da UNICAMP;
- Fortalecimento das atividades do dia 20 de novembro;
- Denunciar o genocídio da população negra;

- Constituir Fóruns de bate na universidade sobre o tema

Opção sexual

Mesmo vivendo em mundo de abertura nas relações pessoais, de liberdade nas opções sexuais, ainda enfrentamos muito preconceito e discriminação por parte de uma sociedade conservadora e discriminatória. Os avanços garantidos, muitas vezes, na forma de lei não refletem no cotidiano de cada um de nós. Infelizmente, ainda é comum assistirmos os ataques violentos a homossexuais, perseguições no trabalho, tentativa de transformar em doença aqueles que optaram em ser gays, e o impedimento de casamentos homoafetivos. Os dados de pesquisas mostram que assíntomas da comunidade gay é elevado no nosso país. A luta GLBTT tem tido avanços significativos a ponto de barrar os ímpetus do deputado Feliciano e sua bancada. Temos que dar um basta nesta forma discriminatória de tratamento muitos companheiros que lutam constroem a universidade e um mundo socialmente igual. Para tanto defendemos:

- Fortalecer a luta GLBTT;
- A criação de um departamento no STU;
- Debater com as demais entidades do campus a criação de um núcleo GLBTT na UNICAMP;
- Realizar um seminário com vista a um encontro sobre o tema;
- Produção de uma cartilha com este debate.